

「 prosa/não ficção 」

# Majori Claro

## Assim assada

**Eu só tinha oito anos.** Começava a poder andar pelas ruas do bairro, desde que acompanhada de alguém mais velho. Aquela liberdade nova me entusiasmava, não importando muito se o destino da aventura seria uma padaria cheia de sorvetes ou um lugar menos interessante. Minha mãe aproveitava para me colocar em pequenas missões domésticas. Ela tinha algum alívio em sua rotina apertada e eu me sentia importante ao voltar com o açúcar que faltava e que, graças à minha proeza, não precisaria ser surrupiado da vizinha.

Foi assim que, num fim de tarde qualquer, fui incumbida de ir ao açougue. O comando dela foi claríssimo: um quilo de coxão mole cortado em cubos sem qualquer gordura. De mãos dadas com uma amiguinha de rua, pouco mais velha do que eu, apertei o dinheiro numa bolsinha florida e fui comprar a carne que viraria assado com batatas e cenouras no jantar.

Chegando lá, topei com um quadro negro cheio de nomes esquisitos. Ao lado, um boi alçado à condição de mapa era representado num pôster imenso, suas carnes virando estados sem capitais. Lembro-me de ter passeado os olhos pela cartografia bovina, sem muita atenção; afinal, geografia era matéria detestada. Mas fiquei fascinada com a variedade de nomes para as cidades anatômicas do mamífero. Eu, que desde aquela época já gostava de português.

*Filet mignon*, eu repetia em pronúncia nada francesa; aquele G provocando um engasgo no meio da palavra enroscava na língua

como um nervinho atravessando o bife. E eu mal podia adivinhar que, de todas as carnes, aquela era de longe a mais macia e a mais desobstruída. Contrafilé era de uma oposição perigosa e, tendo sido lido como “contra *filet mignon*”, me pareceu antipático em dose dupla.

Decidi trocar por alcatra, sonoridade das mais interessantes. Mas fui, então, invadida pela lembrança daquele odor insuportável que acompanhou toda minha vida de menina. Não, não podia abandonar o coxão mole em favor da alcatra, porque alcatra me levava ao alcatrão, alcatrão me levava ao cigarro, e este a memórias ainda mais intragáveis. Afinal, eu fora amamentada por uma mãe fumante, era filha de um artista que passava as madrugadas perambulando entre a sala e o ateliê nos fundos da casa, fazendo chegar às minhas narinas adormecidas a fumaça que saía de sua boca e de sua cabeça sempre tão quente e tão confusa.

Ainda assim, o coxão mole permanecia impossível. Acho que me lembrava de vizinhas velhas e bigodudas, que cheiravam levemente a urina, urina que eu adivinhava respingando em seus coxões e colchões amolecidos pelo sobrepeso, pelos anos, pelas dores de uma vida difícil. E, definitivamente, coxão duro não tornaria o cenário mais flexível.

Foi então que vi a palavra “acém” pintada no quadro negro. A princípio, não gostei da finalização aberta, mas, aos poucos, foi me parecendo sorrateiramente poética. A cem por hora era um jeito bom de viajar, ainda mais quando se podia colocar a cabeça para fora do carro, no meio de uma Anchieta cheia de curvas e um cheiro bom de Guarujá se anunciando: as praias, as diabruras com os primos, o teleférico, os sorvetes de coco, tudo isso sendo prenunciado enquanto a gente gritava alto para ouvir a voz ecoar nos túneis de luzes amarelecidas. Acender a luz roubava os medos da alma da gente, quando ela sofria por explosão demográfica de fantasmas e, sobretudo, assentar na vida era o que eu via minha mãe pedindo em cada reza, fazei meu Pai, fazei com que meu marido se assente na vida. Cheguei em casa apertando um quilo de acém picado embaixo da axila, o sangue da carne já sujando o papel manilha.

Minha mãe ficou furiosa. Eu havia comprado carne de segunda, e carne sem nobreza ela não comia. Hoje, posso entender que evocava a dor que ela sentia por ter de receber doações de parentes mais ricos: a escola particular na qual insistia em matricular os filhos, o dinheiro extra, as roupas usadas das primas que acabavam por virar a minha roupa do dia a dia.

Acabei vendo minha escolha sendo despejada, inteirinha, na lata de lixo. Minha mãe não podia compreender que a carne das palavras me parecia mais suculenta do que a carne de panela, embora também soubesse fazer das sobras despejadas em nossa casa algo bastante criativo. Não raro uma tia chegava e dizia: ora, mas foi este então o sofá que descartei? Que bonito ficou com o tecido novo! Aceitar o sofá usado era inevitável, mas o valor do quilo de carne ainda lhe autorizava a soberba.

E assim tem sido até hoje: ela, fada sucateira e pragmática. Eu, mais assentada na vida do que meu pai, nem sempre a cem por hora, mas ainda consciente de que as belezas da língua são feitas com palavras já usadas. Gastas. Carnes de segunda que a gente reaproveita num poema cozido ou numa crônica assim assada. ■

### **Majori Claro**

Paulistana, psicóloga clínica, professora de Psicologia Analítica, escritora e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Publicou livros de ficção dirigidos aos públicos adulto e infantojuvenil. Participa de um grupo de pesquisa na PUC-SP sobre poesia contemporânea.